

NA ILHA

TRACEY GARVIS GRAVES

Na ilha

TRADUÇÃO DE
Maria Carmelita Dias



Copyright © Tracey Garvis Graves, 2012

TÍTULO ORIGINAL

On the Island

PREPARAÇÃO

Rafael Rodrigues

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Marcela Lima

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

G818n

Graves, Tracey Garvis

Na ilha / Tracey Garvis Graves ; tradução Maria Carmelita Dias.

– 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

288 p. ; 23 cm.

Tradução de: On the island

ISBN 978-85-8057-402-9

1. Romance americano. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

13-03040

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Meira

CAPÍTULO I

Anna

Junho de 2001

Eu tinha trinta anos quando o hidroavião no qual T.J. Callahan e eu estávamos viajando caiu no oceano Índico. T.J. tinha dezesseis e estava havia três meses em remissão de um linfoma de Hodgkin. O nome do piloto era Mick, mas ele morreu antes de atingirmos a água.

Meu namorado, John, me levou até o aeroporto, embora ele fosse o terceiro na lista das pessoas que eu gostaria que me levassem, atrás da minha mãe e da minha irmã, Sarah. Atravessamos a multidão, puxando malas pesadas com rodinhas, e fiquei pensando se todos em Chicago tinham decidido voar para algum lugar naquele dia. Quando finalmente chegamos ao guichê da US Airways, o atendente do check-in sorriu, etiquetou minha bagagem e me entregou o cartão de embarque.

— Obrigado, Srta. Emerson. Já fiz seu check-in para Malé. Tenha uma boa viagem.

Enfiei meu cartão de embarque na bolsa e virei para me despedir de John.

— Obrigada por me trazer.

— Eu acompanho você, Anna.

— Não precisa — falei, balançando a cabeça.

Ele hesitou.

— Mas eu quero.

Arrastamos os pés em silêncio, seguindo a turba dos passageiros que avançava lentamente. No portão, John perguntou:

— Como ele é?

— Magro e careca.

Esquadrinhei a multidão e sorri quando avistei T.J., porque agora sua cabeça estava coberta por cabelos castanhos curtos. Acenei, e ele me respondeu com um movimento de cabeça enquanto o garoto sentado ao lado dele o cutucava nas costelas com o cotovelo.

— Quem é o outro? — perguntou John.

— Acho que é um amigo dele, Ben.

Esparramados nas cadeiras, os dois vestiam-se como a maioria dos garotos de dezesseis anos: camisetas, bermudas esportivas largas e compridas e tênis com cadarços desamarrados. Uma mochila azul-marinho estava no chão aos pés de T.J.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou John.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de trás e fitou o carpete surrado do aeroporto.

Bem, um de nós tem que fazer alguma coisa.

— Tenho.

— Por favor, não tome nenhuma decisão antes de voltar.

Vindo da parte dele, era um pedido no mínimo irônico, mas achei melhor não tocar no assunto.

— Eu disse que não iria tomar.

Mas, na verdade, só havia mesmo uma opção. Eu só decidira adiá-la até o fim do verão.

John colocou os braços em volta da minha cintura e me beijou, por muitos segundos a mais do que deveria fazê-lo em público. Constrangida, me afastei. Pelo canto do olho, percebi que T.J. e Ben observavam tudo.

— Amo você — disse ele.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei.

Resignado, ele pegou minha mala de mão e pendurou a alça no meu ombro.

— Boa viagem, meu amor. Ligue quando chegar.

— Tudo bem.

John foi embora, e fiquei observando até que a multidão o engolissem; então, alisei a frente da minha saia e andei até os garotos. Eles foram baixando o olhar enquanto eu me aproximava.

— Oi, T.J. Você está ótimo. Pronto para ir?

Seus olhos castanhos encontraram os meus brevemente.

— Claro.

Ele tinha ganhado peso, e seu rosto não estava tão pálido. Usava aparelho odontológico, fato que eu não notara antes, e tinha uma pequena cicatriz no queixo.

— Oi, sou Anna — apresentei-me para o garoto sentado ao lado de T.J. — Você deve ser Ben. Como foi sua festa?

Ele deu uma olhadela para T.J., confuso.

— Hum, foi legal.

Puxei meu celular e verifiquei a hora.

— Já volto, T.J. Vou checar nosso voo.

Enquanto eu me afastava, ouvi Ben dizer:

— Cara, sua babá é uma gata.

— Ela é minha tutora, idiota.

Não dei importância àquelas palavras. Eu era professora de ensino médio e considerava os ocasionais comentários de garotos com hormônios em ebulição um risco profissional razoavelmente benigno.

Depois de confirmar que ainda estávamos na hora, voltei e me sentei na cadeira vazia ao lado de T.J.

— Ben foi embora?

— Foi. A mãe dele se cansou de ficar dando voltas no aeroporto. Ele não queria que ela entrasse com a gente.

— Quer comer alguma coisa?

Ele negou com um aceno de cabeça.

— Não estou com fome.

Ficamos sentados em um silêncio constrangedor até a hora do embarque. T.J. me seguiu pelo corredor estreito até nossos assentos na primeira classe.

— Quer ficar na janela? — perguntei.

T.J. deu de ombros.

— Claro. Obrigado.

Eu me afastei e esperei até que ele estivesse sentado, e então afivelei meu cinto de segurança ao lado dele. Ele tirou um CD player portátil da mochila e colocou os fones de ouvido. Era sua maneira sutil de me dizer que não estava interessado em conversar. Tirei um livro da minha mala de mão, o piloto decolou, e deixamos Chicago para trás.

As coisas começaram a dar errado na Alemanha. Deveria ter levado pouco mais de dezoito horas para voarmos de Chicago até Malé — capital das Maldivas —, porém, depois de problemas mecânicos e atrasos por conta do clima, acabamos passando o restante do dia e metade da noite no Aeroporto Internacional de Frankfurt, esperando que a companhia aérea nos realocasse. Finalmente, depois de termos sido confirmados no voo seguinte, T.J. e eu nos vimos sentados em cadeiras duras de plástico às três horas da madrugada. Ele esfregou os olhos.

Apontei para uma fileira de cadeiras vazias.

— Pode deitar se quiser.

— Estou bem — disse ele, controlando um bocejo.

— Só vamos partir daqui a muitas horas. Você devia tentar dormir.

— E você? Não está cansada?

Eu estava exausta, mas T.J. provavelmente precisava descansar mais do que eu.

— Estou bem. Vá em frente.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Tudo bem. — Ele sorriu timidamente. — Obrigado. — Esticou-se nas cadeiras e caiu no sono imediatamente.

Olhei pela janela e observei os aviões que pousavam e decolavam, as luzes vermelhas piscando no céu noturno. O ar-condicionado gelado me causava arrepios nos braços, e, como eu vestia saia e blusa sem mangas, tremia de frio. Em um banheiro próximo, troquei a roupa por jeans e uma camiseta de mangas compridas que trouxera na mala de mão. Depois, comprei um café. Quando voltei a me sentar ao lado de T.J., abri meu livro e fiquei lendo até o momento de acordá-lo, três horas depois, quando chamaram nosso voo.

Houve mais atrasos depois de chegarmos ao Sri Lanka — dessa vez devido à escassez de tripulação —, e, quando aterrissamos no Aeroporto Internacional de Malé, a casa alugada pelos Callahan para o verão ainda ficava a duas horas via hidroavião, e eu estava acordada havia trinta horas. Minhas têmporas latejavam e meus olhos, secos e ardendo, queimavam. Quando disseram que não havia reservas para nós, pisquei para afastar as lágrimas.

— Mas tenho o código de confirmação — expliquei para o atendente do check-in, deslizando o pedaço de papel pelo balcão. — Atualizei nossa reserva antes de sairmos do Sri Lanka. Dois assentos. T.J. Callahan e Anna Emerson. Pode olhar novamente, por favor?

O atendente verificou no computador.

— Desculpe-me — disse ele. — Seus nomes não estão na lista. O hidroavião está cheio.

— E o próximo voo?

— Vai escurecer logo. Hidroaviões não voam depois do pôr do sol. — Percebendo minha expressão desolada, ele me lançou um olhar solidário, digitou algo no computador e pegou o telefone. — Vou ver o que posso fazer.

— Obrigada.

T.J. e eu entramos em uma pequena loja de presentes, e comprei duas garrafas de água.

— Você quer uma?

— Não, obrigado.

— Por que não coloca na sua mochila? — sugeri, entregando uma garrafa para ele. — Você pode querer mais tarde.

Tirei um frasco de analgésico da bolsa, joguei dois comprimidos na mão e engoli com a água. Nós nos sentamos em um banco, e liguei para a mãe de T.J., Jane, para avisar que não nos esperasse antes da manhã seguinte.

— Pode ser que eles consigam outro voo, mas acho que não vamos viajar hoje à noite. Os hidroaviões não voam depois de escurecer, então talvez tenhamos que passar a noite no aeroporto.

— Sinto muito, Anna. Você deve estar exausta — disse ela.

— Está tudo bem. Vamos chegar aí amanhã, com certeza. — Cobri o telefone com a mão. — Quer falar com sua mãe? — T.J. fez careta e negou com a cabeça.

Reparei no atendente do check-in acenando para mim. Ele sorria.

— Jane, ouça, acho que talvez... — E então a ligação caiu.

Coloquei o telefone de volta na bolsa e me aproximei do balcão, apreensiva.

— Um piloto de um voo fretado pode levar vocês até a ilha — disse o atendente. — Os passageiros que ele deveria levar tiveram um atraso no Sri Lanka e só vão chegar amanhã.

Sorri, aliviada.

— Que maravilha! Obrigada por encontrar um voo para nós. Agradeço de verdade. — Tentei ligar para os pais de T.J. de novo, mas meu celular estava sem sinal. Minha esperança era conseguir ligar quando chegássemos à ilha. — Está pronto, T.J.?

— Estou — respondeu ele, pegando a mochila.

Um micro-ônibus nos levou para o terminal de táxi aéreo. O atendente fez nosso check-in no balcão e saímos.

O clima das Maldivas me lembrava o da sauna a vapor da academia de ginástica que eu frequentava. Imediatamente, gotas de suor brotaram na minha testa e na minha nuca. O jeans e a camiseta de mangas compridas mantinham o ar quente e úmido na minha pele, e desejei ter trocado a roupa novamente por outra mais fresca.

O calor é tão sufocante assim o tempo todo?

Um funcionário do aeroporto estava no cais perto de um hidroavião que oscilava suavemente na superfície da água. Ele fez um sinal para nós. Quando T.J. e eu o alcançamos, ele abriu a porta, e então baixamos a cabeça e subimos a bordo do avião. O piloto estava sentado e sorriu com a boca cheia de cheeseburger.

— Oi, eu sou o Mick. — Ele acabou de mastigar e engoliu. — Espero que não se importem se eu terminar meu jantar.

Ele parecia ter cinquenta e tantos anos e estava tão acima do peso que mal cabia no assento do piloto. Usava bermuda cargo e a camiseta *tie-dye* mais larga que

eu já vira. Estava descalço. Gotas de suor salpicavam seu lábio superior e sua testa. Comeu o último pedaço do cheeseburger e enxugou o rosto com o guardanapo.

— Sou Anna, e esse é T.J. — apresentei-nos, sorrindo e estendendo a mão para cumprimentá-lo. — E é claro que não nos importamos.

O DHC-6 Twin Otter tinha lugar para dez pessoas e cheirava a mofo e combustível de avião. T.J. afivelou o cinto de segurança e ficou olhando pela janela. Eu me sentei do outro lado do corredor na mesma fileira que ele, coloquei a bolsa e a mala de mão embaixo do banco e esfreguei os olhos. Mick ligou os motores. O barulho sufocava a voz dele, mas, quando ele virou a cabeça, percebi que seus lábios se moviam enquanto ele se comunicava com alguém pelo rádio. Ele nos levou para longe do píer, ganhou velocidade e levantamos voo.

Amaldiçoei minha incapacidade de dormir em aviões. Sempre invejei aqueles que desmaiavam no minuto em que o avião decolava e não acordavam até que o trem de pouso tocasse a pista. Tentei cochilar, mas a luz do sol entrando pela janela e meu relógio biológico confuso não permitiram que eu relaxasse. Quando desisti e abri os olhos, deparei com T.J. me encarando. Se a expressão em seu rosto e o calor no meu significavam alguma coisa, nós dois ficamos constrangidos. Ele se virou, ajeitou a mochila sob a cabeça e adormeceu alguns minutos depois.

Sem conseguir descansar, desfiveli meu cinto de segurança e fui perguntar a Mick quanto tempo demoraria até que pousássemos.

— Mais ou menos uma hora. — Ele fez um gesto na direção da cadeira do copiloto. — Pode se sentar aí se quiser.

Eu me sentei e afiveli o cinto de segurança. Protegendo os olhos do sol, admirei a vista de tirar o fôlego. Em cima, o céu, sem nuvens e cor de cobalto. Embaixo, o oceano Índico, um redemoinho de verde-menta e azul-turquesa.

Mick esfregou o meio do peito com o punho. Depois pegou um pote de antiácidos e colocou um comprimido na boca.

— Azia. É isso que ganho por comer cheeseburger. Mas é tão mais gostoso do que uma maldita salada, não é?

Ele riu, e concordei com a cabeça.

— Então, de onde vocês são?

— De Chicago.

— O que você faz em Chicago? — Ele jogou outro antiácido na boca.

— Ensino inglês no ensino médio.

— Ah, férias de verão.

— Bem, não para mim. Normalmente, trabalho como tutora de alunos no verão. — Fiz um gesto em direção a T.J. — Os pais dele me contrataram para ajudá-lo a alcançar a turma. Ele tem linfoma de Hodgkin e perdeu muitas aulas.

— Achei mesmo você muito nova para ser mãe dele.

Sorri.

— Os pais e as irmãs dele já estão lá há alguns dias.

Não pude partir tão cedo quanto os Callahan porque as férias de verão da escola pública onde eu lecionava começavam depois das da escola privada que T.J. frequentava. Quando T.J. descobriu, convenceu os pais a deixá-lo ficar em Chicago no fim de semana e voar comigo. Jane Callahan me ligara para ver se estava tudo bem.

— O amigo dele, Ben, vai dar uma festa. Ele realmente quer ir. Tem certeza de que não se importa? — perguntou ela.

— Nem um pouco — respondi. — Vai ser uma oportunidade de nos conhecermos.

Eu só havia encontrado T.J. uma vez, na entrevista com os pais dele. Levaria um tempo para ele se sentir à vontade comigo; era sempre assim quando eu começava com um aluno novo, principalmente um adolescente.

A voz de Mick interrompeu meus pensamentos.

— Quanto tempo você vai ficar?

— Durante o verão. Eles alugaram uma casa na ilha.

— Então ele está bem agora?

— Está. Os pais disseram que ele ficou bastante mal por um tempo, mas está em remissão há alguns meses.

— Belo lugar para um trabalho de verão.

Sorri.

— Ganha da biblioteca.

Voamos em silêncio por um tempo.

— São realmente mil e duzentas ilhas aqui? — perguntei. Eu só tinha contado três ou quatro, espalhadas pela água como peças gigantes de um quebra-cabeça. Esperei pela resposta. — Mick?

— O quê? Ah, sim, mais ou menos. Somente cerca de duzentas são habitadas, mas acho que isso vai mudar com todas as construções. Tem um hotel ou resort novo abrindo todo mês. — Ele deu uma risada. — Todos querem um pedaço do paraíso.

Mick esfregou o peito novamente e tirou o braço esquerdo do manche, esticando-o na frente dele. Percebi sua expressão de dor e o brilho luminoso de suor na sua testa.

— Você está bem?

— Estou. Só que nunca tive uma azia tão forte assim. — Ele colocou mais dois antiácidos na boca e amassou o envelope vazio.

Uma sensação inquietante tomou conta de mim.

— Você quer que eu ligue para alguém? Se me mostrar como usar o rádio, posso ligar para você.

— Não precisa, vou ficar bem assim que esses antiácidos começarem a fazer efeito.
— Ele respirou profundamente e olhou para mim. — Obrigado de qualquer forma.

Ele pareceu bem por um tempo, mas dez minutos depois tirou a mão direita do manche e esfregou o ombro esquerdo. O suor gotejava pela lateral do seu rosto. Sua respiração parecia leve, e ele se mexeu na cadeira como se não conseguisse achar uma posição confortável. Minha sensação de inquietação se transformou em pânico absoluto.

T.J. acordou.

— Anna — chamou ele, alto o suficiente para que eu ouvisse mesmo com os motores. Eu me virei. — Já estamos chegando?

Desafivelei o cinto de segurança e voltei a me sentar do lado de T.J. Sem querer gritar, puxei-o para mais perto e disse:

— Ouça, tenho quase certeza de que Mick está tendo um ataque cardíaco. Ele está com dor no peito e parece muito mal, mas está colocando a culpa em uma azia.

— O quê?! Você está falando sério?

Confirmei com a cabeça.

— Meu pai sobreviveu a um ataque cardíaco grave no ano passado, então sei como é. Acho que ele está assustado demais para admitir que tem algo errado.

— E nós? Ele ainda consegue pilotar o avião?

— Eu não sei.

T.J. e eu nos aproximamos da cabine. Mick tinha os dois punhos pressionados contra o peito e os olhos fechados. Seus fones de ouvido estavam tortos, e o rosto estava cinzento.

Eu me agachei perto do assento dele, o medo me rasgando por dentro.

— Mick. — Meu tom era urgente. — Precisamos pedir ajuda.

Ele concordou com a cabeça.

— Vou pousar o avião na água primeiro, e então um de vocês vai ter que pegar o rádio. — Ele arfou, tentando cuspir as palavras. — Coloquem os coletes salva-vidas. Estão no compartimento de bagagem perto da porta. Depois sentem-se nos seus lugares e afivalem os cintos. — Ele fez uma careta de dor. — Agora!

Meu coração estava aos pulos, e a adrenalina inundava meu corpo. Corremos para o compartimento de bagagem e fizemos uma busca.

— Por que temos que colocar coletes salva-vidas, Anna? O avião tem flutuadores, certo?

Porque ele está com medo de não conseguir baixar a tempo.

— Não sei, talvez seja um procedimento operacional padrão. Estamos pousando no meio do oceano. — Encontrei os coletes salva-vidas apertados entre um recipiente em forma de cilindro que dizia BOTE SALVA-VIDAS e diversos cobertores. — Aqui — falei, entregando um a T.J. e colocando o meu.

Nós nos sentamos e apertamos os cintos de segurança; minhas mãos tremiam tanto que tentei duas vezes antes de conseguir.

— Se ele perder a consciência, vou precisar começar os primeiros socorros imediatamente. Você vai ter que descobrir como funciona o rádio, T.J., tudo bem?

Ele concordou com um aceno de cabeça, com os olhos arregalados.

— Posso fazer isso.

Agarrei os braços do meu assento e olhei pela janela, percebendo a superfície ondulada do oceano se aproximando. Mas então, em vez de diminuir a velocidade, aceleramos, descendo em um ângulo íngreme.

Olhei a parte da frente do avião. Mick estava caído sobre o manche, sem se mexer. Desafivelei meu cinto de segurança e me lancei no corredor.

— Anna! — gritou T.J. A barra de minha camiseta escapou de suas mãos.

Antes que eu conseguisse chegar ao cockpit, Mick deu um solavanco para trás no assento, as mãos ainda no manche, quando sofreu um enorme espasmo no peito.

O nariz do avião deu uma guinada para cima, e atingimos a água com a cauda primeiro, quicando nas ondas. A ponta de uma asa atingiu a superfície e o avião rodopiou fora de controle.

O impacto me tirou do chão, como se alguém tivesse amarrado uma corda em volta dos meus tornozelos e puxado com força. O som de vidro estilhaçado encheu meus ouvidos, e tive a sensação de voar. Em seguida, senti uma dor ardente no momento em que a aeronave se partiu.

Afundi no oceano, a água do mar entrando pela minha garganta. Eu estava completamente desorientada, mas o poder de flutuação do meu colete salva-vidas me fez aos poucos voltar à tona. Minha cabeça emergiu na superfície, e tossi incontrolavelmente, tentando pegar ar e expulsar água.

T.J.! Ah, meu Deus, onde está T.J.?

Eu o imaginei amarrado em seu assento, incapaz de desafivelar o cinto de segurança, e o procurei pela água freneticamente, piscando por causa do sol e gritando o nome dele.

Quando pensei que ele certamente tinha se afogado, ele apareceu à tona, cuspidando água e lutando para respirar.

Nadei na direção dele, sentindo gosto de sangue, a cabeça latejando tanto que achei que fosse explodir.

Quando alcancei T.J., agarrei sua mão e tentei dizer a ele como eu estava feliz de que ele estivesse bem, mas minhas palavras não saíram direito e flutuei para dentro e para fora de um nevoeiro confuso.

T.J. gritou para que eu acordasse. Eu me lembro das ondas altas e de engolir mais água, e então não me lembro de mais nada.